SOLITUDE

Ẹgrium Tạdrel

Boa parte dos poemas que integram este livro de Ẹgrium Tạdrel é resultado de impressões sensoriais: a presença dos ambientes urbanos, esquinas e ruas associando--se ao trajeto do poema que transcorre e talvez à trajetória do próprio poeta.

Revela-se, à maneira de Bukowski, uma recusa a pactuar com o mundo dito normal, moldado pelos sistemas econômicos e culturais vigentes.

Em alguns pontos, o autor trabalha com metalinguagem (escrever sobre escrever), jogos de palavras e neologismos, como em “Destrabalho no desescritório”. Há amostras de poemas sintéticos, como “Luz acesa”, em que se diz muito em poucos versos, em que se concentra a intensidade

Ẹgrium Tạdrel

de uma simples observação que, no entanto, se faz claramente representativa.

No geral, seu estilo é limpo, conciso, sem desdobramentos desnecessários, sem floreios avulsos.

Atento à crítica social e política, sua temática torna a mexer em um ou outro ponto do passado, como se não nos permitisse esquecer certas questões e episódios históricos mal resolvidos.

Perce Polegatto

SOLITUDE

Solitude

Ẹgrium Tạdrel

Rio de Janeiro, 2023

1ª Edição

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tadrel, Egrium
Solitude [livro eletrônico] / Egrium Tadrel. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Ed. do Autor, 2024.
PDF

ISBN 978-65-01-08160-1

1. Poesia brasileira I. Título.

24-215408 CDD-B869.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Poesia : Literatura brasileira B869.1

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Autor
Ẹgrium Tạdrel

Capa
Ẹgrium Tạdrel

Texto da quarta capa
Ẹgrium Tạdrel

Texto de orelhas
Perce Polegatto

Imagens da capa e das orelhas
Ẹgrium Tạdrel

Diagramação e Revisão
Ẹgrium Tạdrel

Publicado no Brasil na primavera de 2023

Livro digital montado em julho de 2024

Solitude

Ẹgrium Tạdrel

A todos que vagam
em busca de compreensão
e entendimento.

Hoje é um belo dia para evitar o GAFAM.

Aüneriasih, GDHA

Sumário

Preâmbulo

É manifesto desejo do autor que este livro jamais seja oferecido, negociado, transmitido ou armazenado com uso de DRM (Digital Rights Management) ou qualquer outro sistema ou protocolo análogo, que possa impedir, limitar ou restringir a propagação da informação nele contida.

Primeiro Ato:
Poemário Noturno

À noite o dia começa.

Noite de chuva forte

Frio fome sede sono
A rua é longa;
a vida não se sabe.
A rua fria escura
Brilho nos olhos do viajante

Sede sono fome frio
Sangue correndo nas veias
Passos firmes que a sombra acompanha
Água da chuva escorrendo no rosto

Cabelo ao vento frio da noite

Noite alta fria escura

Um andarilho noturno: fogo de vida

Fome, sede

Longe de casa

Frio, sono

Pernas cansadas

Roupas molhadas

Janelas fechadas

Portas fechadas

Lojas fechadas

Mentes fechadas

Abram caminho: eu vou passar.

Minha noite

Hoje a noite é só minha

Cheia de letras e sons

e números e pensamentos bons

Hoje a noite sozinha

dormiu e esqueceu de deitar

Refazer-se

Juntar os pedaços
Refinar o olhar
medir prejuízos
a razão conjurar

As esquinas se sucedem
as ideias se organizam
a noite avança
e o som da água corta o silêncio
o caminho vai se delineando
enquanto a chuva lava
e acolhe à vida o transeunte
sobre as pedras do Arpoador

Há algo a ser feito.

Apenas uma certeza:
Nada está definido

Sentença de vida II

Flor perfumada de jasmim noturna
Encurralada entre a cadeira e o caixa
Reforça tristíssima o lucro da loja
Cumpre ali sua sentença de vida
Ao trabalho exaustivo compelida
pelos seus próprios, renegada
pelos amigos, esquecida

Destrabalho no desescritório

ao amigo Adiron Marcos

O relógio de ponto
descansa no canto
À mesa no centro
Lapido e poeto
À hora bem certa
da noite avançada
palavra lançada
escrevo desperto
verso aqui dentro
sentimento aberto

vou noite adentro
eu canto e acerto

sentimento talhado em palavras
alegrias dispersas ao vento
os versos saem da lavra
certo que aqui intento

escrever até o papel se cansar
advirto aqui em última instância
pra quem quiser destrabalhar
o destrabalho é a desforça vezes a tância

para quem quiser imitar
talvez eu diria
quem faz sentido é militar
eu faço poesia

Junção Interna

Acaso que a sorte traz
Encontro de dois seres

Presença que emana paz
Assombro de saberes

tantas alegrias juntas
Pessoa para um ciclo completo
Uma vida para duas pessoas
Algo bom, de encanto repleto

Num ramo de flores e espinhos
Pudeste com zelo guardar
Chave dos melhores caminhos
que haveremos de juntos trilhar

Ausência

Hoje ela está longe.
E não sei se está bem.
A ausência me castiga
sem que eu possa me livrar
do tormento
do relógio
As horas se sucedem

impiedosamente
as horas me acompanham
espiam minha impotência
meu silêncio inerte.
Como você está?
O silêncio inadverte
Hordas de ponteiros em procissão
mecânicos;
vagarosos;
metódicos;
burocráticos;
atrasados;
caminham à minha volta,
e, lentamente, retornam
ao ponto de partida;
a hora já não marcam;
atrasam a minha vida.
Quando te encontrarei
novamente?

Pólis Ígnea

A Valmir Brandão

Toda noite o vento varre
O deserto de areias pútridas
da língua de esgoto de copacabana
Água fria, fresca brisa,
precário alento aos mal amparados
que ainda dispõem da fortuna
de poder ali parar
e contemplar longamente
graciosamente
o assomo, o silêncio, a amplidão,
relíquias cobertas de lixo,
as sombras invisíveis dos excluídos
maravilha disforme, desigual, gigante,
o pouco que nos resta de natureza
(apesar do que a propaganda reza)
o encanto desse campo de jogos e batalhas
praças cheias de ferocidade e rara beleza
de prédios, presídios e fornalhas
de celas que encerram a cultura e a tristeza,
urbe que Estácio, em nome de deus e del rei,

amaldiçoou, assombrando gerações
marcadas pelo ferro e pelo fogo da lei,
espezinhando multidões
pela vileza da ágora,
perdidos, explorados,
divididos, humilhados,
que em lampejos de desespero e fúria
clamam agora
por reparação
e justiça.

Andarilho noturno

Ele vai.
Ele precisa.
Caminho circular
ou confuso
que despropositalmente
transpassa metade das ruas do bairro
sem chegar,
sem destino,
sem pretender uma chegada,

mas uma partida
ainda por vir.
"Irei".
Ele irá.
E agora vai,
passo após passo,
esquina após esquina.
Nehum horizonte à vista.
O mapa vai se desenhando.
Um transeunte na pista.
Dias da Cruz deserta:
há um marinheiro no convés.
E ele segue.

Luz acesa

No seio profundo das trevas da noite
ainda há uma luz acesa
desafiadora de toda escuridão.

Pedaços de mim

A uma pessoa radiante

Eu não a vi chegar
Me deixaram um aviso
Mistério no ar
No rosto o sorriso
Uma flor, um olhar
E tive diante de mim
A peça que faltava do quebra-cabeças

Sonho que é preciso viver
Para criar noção de propósito
Rápida e intensa como um sonho
Um sonho leve e acolhedor
Um sonho que tem que morrer
Para que outros melhores possam nascer
E a vida seguir

Eu não a vi sair
E levar meus pedaços consigo
Presente da noite de carnaval
Que a noite traz
E a noite leva.

Segundo Ato:
A Vida e o seu Preço

Senhores de baraço e cutelo
infestam e devastam a Terra,
para lucro e ganho de seus suseranos.

Castelo de Areia

Aos meus malditos progenitores.

Muralhas fortes, torres altas
cobertura de paliçadas
seteiras em todo entorno
a toda volta muitas espadas
fosso de óleo fervente
dobradiças e fechaduras reforçadas
campos de armadilhas mortais

cúpulas bem contrafortadas
segredos e feitiços inquebráveis

Fortificado castelo de areia
em cujo calabouço escuro
os carcereiros me protegem
das minhas próprias decisões

Biopoema

A Saúva dorme ao relento
Foi despejada do formigueiro
Por falta de pagamento

A Cobra não para de fumar
Ela vai ter câncer de pulmão,
bronquite crônica e enfizema pulmonar

"Bandido bom é bandido morto",
muge o eleitor do bandido vivo.
Em vinte e um anos de ditadura,
ninguém mandou trocar a cor da praia vermelha

Maldições contemporâneas

Dedicado aos cidadãos do ancapistão.

A mão tóxica do mercado
Visível, pois suja de sangue
Insulto vivo à liberdade
Algoz do genuíno entendimento
Mão suja do sangue dos trabalhadores
Explorados, enganados, escurraçados
expropriados de si
lhes é negado o valor do próprio suor
oferecidos em holocausto
para o bem do capital
O toque de Midas
produz ouro e morte

Barulhada

A um amigo cheio de nomes,
e talvez vazio de significados.

Leu a palavra errada

Aprendeu a amar errado

Leiloou o seu ouvido

A quem lhe afagou melhor o ego

Não entendeu a lição

Seguiu adiante a estrada

Semeando o ódio cristão

Para sentir a dor dobrada

Diz que é um sonoro alarido,

Mas é muito barulho por nada

Prisões sem grades

Mentes perdidas no labirinto

Ocupadas

O pão

O pão

O conhecimento nunca esteve tão próximo

Nem tão distante

O circo

Mas também o pão

Seguimos rastejando

Mártires da ganância capitalista

Que vida é essa que desvivemos todos os dias?

Sobrevida

Maldita

Maldita

As redes de controle social

A Evgeni Morozov

As redes sociais querem os meus dados:

registro nome completo CPF endereço.

Prometem me mostrar a verdade

Dois tênis bons abaixo do preço

As redes sociais querem o meu amor

É só entrar, curtir e compartilhar

E mostrarão o caminho para a felicidade

Vereda que nunca poderei trilhar

As redes sociais querem o meu sangue
Que eu as defenda e divulgue com alegria
Para me proteger de toda adversidade
Sem deixar de ser refém da tecnologia

As redes sociais querem o meu silêncio
Para integrar o público debate
Os termos de uso da comunidade
Regem agora a vida e a morte

As redes sociais querem os meus direitos.
“Compartilhou a foto, agora é nossa”.
Tomam a vida, a voz, e a integridade,
e tudo o mais que lhes interessar possa.

À tua partida

Na cidade dispersos
No seio ferida
Desejos submersos
Em tudo contida

Sede de versos

Sede de vida

Tantos universos

E estás escondida

À sombra imersos

Em cada medida

Caminhos diversos

Alguma saída

Haverá no final?

Gaivotas

Talento de voar alto

Embelezar a praia

Somando seu canto

ao som do mar

Deixam rastros de flores

e memórias que apraz lembrar

Vidas cheias de amores

Percebem sutilezas no ar

A paz que nos legam

satisfazem-se por compartilhar

Aves de rapina

Nascidos para predar
aprender a destruir
esgotar, consumir
apagar todos os laços
que não sejam selados
por moedas e contratos
úteis para explorar
e quando não, para violar
laços frios que se prestam
à pilhagem e ao saque
de quem deseja o mundo
e pra quem o mundo inteiro não basta.

O Vento

Quando a água do mar apagar minhas últimas pegadas
e o tempo borrar minhas palavras
imprecisas
no papel já roto
as ideias lançadas embotando seus sentidos

ademais trancados na grafia obscura;

Quando eu não estiver mais aqui
por pouco tempo lembrarão minha estadia
Breve noite solitária
em que pude imaginar a aurora à distância
e lamentar não testemunhá-la.

Serei levado pelo vento, reciclado como lixo,
incessante siroco a demover os grãos de areia
pequenos como a vida é pequena
diante de toda a imensidão

Quando a água do mar recuar
apagando na areia meus últimos rastros
o espaço que um dia ocupei
será novamente ocupado

Quando outros, em seu legítimo direito,
tomarem meu lugar,
eu lhes desejarei sorte
e quereria apenas,
se ainda me fosse permitido querer,

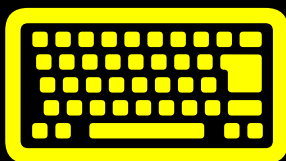
que minhas ideias vivessem um pouco mais,
podendo servir aos meus sucessores,
até que tudo seja finalmente apagado
e esquecido.

O mar. O vento.

Terceiro Ato: Solitude

Neste não-escritório

O não-trabalho

Não-pode-parar.

Hora de pular o portão

À amiga Jéssica, onde quer que esteja.

Chegamos ali sozinhos
Um muro: convite à transgressão
Que nada obstrua nossos caminhos
É hora de pular o portão

Seremos a esperança de futuro
que ninguém nos dará a nós
é dever saltar qualquer muro
ninguém o fará por nós

seguir e tornar a debelar
um obstáculo e outro após
tornar, prosseguir, superar

pois são os nossos caminhos
ninguém os trilhará por nós
Isso nós faremos sozinhos

Praça Um

Ninguém me disse onde era a Praça Um
Cheguei à praça
Chão de terra
Bancos quebrados
brinquedos arruinados
dizeres desbotados
sob a pichação da rua
amendoeiras frutificadas
ratos passeando na via
cadáver caído na calçada
alegria no rosto da criançada
Cheguei à praça e disse: é aqui.

Caminhos

Aromas olentes
Além do alcance
Pessoas doentes
nenhuma chance
Maria da Graça

Estrada de ferro
Maria fumaça
Grades de ferro
Alguma desgraça
Escondida no erro
De quem mal entende o mundo
Mas manda na vida alheia

Mais um muro

O que há além do muro?
A casa do fundo,
o quarto frio escuro,
o limite do mundo,
além donde não se pode passar?

O contorno da prisão,
a cerca, a grade, a sebe,
a armadilha, o alçapão,
quem passa o muro mal sabe
que grandes venturas virão

AI: o amigo imaginário

Pedro pede ao amigo imaginário
saúde dinheiro proteção
o amor de sua vida
todo bem e toda benção

Cansado de esperar,
Pedro vai até o bar
-Desce aí uma cerveja gelada!
No bar, o pedido chega.

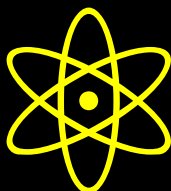
Desnecessidades óbvias

Ao amigo Perce Polegatto.

Eu vi um peixe sem bicicleta
Vi um sapo sem rabo
Um pássaro sem orelhas
Um cavalo sem brânquias
Eu vi um homem sem deus
e em tudo ele se basta
enquanto a natureza segue seu rumo
Intrépida, impassível, indiferente.

Biblioteca

À Aline Oliveira.

Na entrada, jardim bem florido
Passeando entre as estantes
deste oásis escondido
desbravei lugares distantes
algo mui raro e bonito
histórias já quase esquecidas
antigas lendas, ideias,
resquícios de um mundo antigo
donde brotam ainda pensamentos novos
Fiz de alguns, meus bem próximos amigos
tais que já há muito jaziam mortos
mas que vivem, ainda hoje, comigo.

Reflexões errantes

Caminho quase silencioso. Quanto menos gente, melhor. O cadarço desamarrado não me importa. Como são belas e interessantes as formas irregulares do muro malfeito, do concreto erodido e e já tomado de fungos! Quem precisa de um cigarro? Há uma ponta no chão. É intrinsecamente belo o arranjo de construções que se pretendem regulares e simétricas, mas cujas falhas e danos mostram o quanto a individualidade importa. Não há uma igual a outra. Paro admirado diante do muro de concreto, sem me importar muito se há alguém atrás. De mim, digo, não do muro. O que há além do muro? Que lugares ele proíbe? Porque insistimos em erguer monumentos à censura, ao impedimento, ao controle? Estas porcarias estão em toda parte. Fossemos civilizados realmente, saberíamos viver bem sem estas bagatelas. Ponho de lado aqui importantes questões conceituais: que bosta é mesmo essa tal de civilização? Olho de perto a intervenção da natureza na obra

humana, então em estado inicial. Ninguém costuma gostar de ver um muro de concreto sem pintura e desgastado, mas há quem pague caro por pinturas em tela que não chegam perto em se tratando de beleza, se compararmos os padrões irregulares da arte humana e da arte natural. As pessoas não gostam da natureza. Pouco importa o discurso. Uma planta qualquer é pretexto pra reclamar de mosquitos. Uma árvore é fonte potencial de acidentes e diminui a iluminação da rua. Os pombos são alguns dos poucos animais que resistem à invasão humana, esta praga de ocupação territorial que sucede em qualquer parte, e eles são taxados de sujos e vetores de doenças. Queria saber quem não é vetor de doenças. Acaso os pombos deveriam tomar banho e escovar o bico após comer milho na praça? Sigo com passos lentos, vagando adiante. Não há nenhum pombo aqui.

Aune

Proclamada a Nacional Desconvenção:
proscritas normas fundamentais
em prol de outras, agora reais,
que tomam forma em protesto e ação.

A bandeira tremula no mastro virtual,
signo augusto de luz e esplendor.
Nasce então, no oásis, uma flor.
A Junta estipula feriado nacional.

Os pés no chão e fora do gramado.
Núcleo solitário da Nova Política,
reorganizando o antigo legado,

surge um novo País sem Estado,
sem território, e de postura crítica,
que em qualquer parte pode ser encontrado.

Desencontros

À Tamires

Quantas vezes vamos passar um pelo outro?
Aqui estamos mais uma vez,
frente a frente.
Mas não por muito tempo.
Seguimos distantes
Olhamos para o lado
Seguimos errantes
sem saber se foi sorte
termos um dia nos encontrado.

Terminal

Então rapazinho;
Ninguém disse que seria fácil;
mas cá estamos,
chegamos, e seguimos.
Que a recompensa seja proporcional ao desafio!
Hora de cruzar o portão de embarque.
Hoje não haverá companhia.
Hoje não haverá despedidas.

Quarto Ato: Liberdade

O restante da vida começa agora.

Caminho sem volta

À Maíra Penteado.

Um dia fui passear
desafio de vida
minha prova de força
Certo do não retorno
vida que arde em chama
Levei a coragem e a sombra
atenuada pela neblina
das manhãs do vale

Quanto tempo foi preciso esperar?

"Liberdade ainda que tardia",
disse o revolucionário antigo.
Minha vez, chegou o dia
o futuro é um prédio a edificar
Casa, descanso e abrigo

Água, pão e fruta.
Uma rede esperando.
O caminho sem volta
Está só começando.

Formalidades

Documento de identidade
Nome inscrito no cartório
Selo de autenticidade
Registramento compulsório

Afora a realidade
O processo está completo
Integrado à sociedade
Um cidadão-número-objeto

De quem veio a ordem de chamar-me assim?
Meu verdadeiro nome é o que escolho para mim
Não sou definido por um timbre no papel

O nome outorgado, numerado, classificado, é um insulto
Por minha própria convenção eu o permuto
Escolho chamar-me Ẹgrium Tạdrel.

Epitáfio

Aqui jaz a letra fria
De mais uma lei morta
A desigualdade ela media
Com valor de régua torta.

O Farol de Comidinne

O Farol de Comidinne se apagou.
Uma luz a menos sobre o Atlântico Sul

Quem lembrará os reis e presidentes de
São Herculano?
E do povo que pavimentou o caminho,
Que tantos outros puderam trilhar?

Visões

À Sabrina Behar.

A humanidade nunca foi tão produtiva, e nunca aproveitou tão pouco o produto de seu trabalho. Numa sociedade verdadeiramente civilizada isso nunca aconteceria. Civilizada - ponho de lado qualquer descaminho que possa ter sido levado à conta de civilização, sei que é o que mais ocorre e que o termo leva ao equívoco, mas não há termos adequados para o que não se tem exemplos aptos à referência; quero me referir aqui a uma sociedade organizada por e para pessoas, com foco na vida e no bem estar comunitário.

Como eu gostaria de me orgulhar da tecnologia avançada que (ainda não) temos, não porque nos falte tecnologia, mas porque todas as inciativas já

feitas foram nocivas, eu gostaria muito de me orgulhar de podermos nos comunicar sem que nossas palavras fossem usadas para formar métricas de termos que alimentarão sistemas de anúncios; como seria bom termos aparelhos avançados como nossos celulares inteligentes, desde que com o diferencial de não usar tudo o que dizemos, fazemos e pensamos para moldar nosso comportamento de acordo com interesses alheios aos nossos próprios; como seria bom termos ao nosso alcance todo o conhecimento acumulado pela humanidade, sem que barreiras de escassez artificial, como direitos autorais restritivos e limitações na circulação de arquivos, nos privassem das vozes dos nossos antepassados expressas nas páginas de livros, revistas, músicas, documentos e artigos científicos; a vida seria muito melhor sem todo o lixo tecnológico onerosamente disposto à tarefa de controlar o que se faz e o que se pensa.

Competição entre empresas, competição entre países, competição entre pessoas... não se admite trabalhar menos para que não se fique para trás

numa corrida acelerada rumo à destruição do planeta, nosso único refúgio no Universo, mesmo sabendo que trabalhar menos é a saída que nos permitiria viver de forma mais saudável, aproveitar de forma mais plena tudo o que o mundo generosamente nos oferece e que nos é negado em nome da saciedade inalcançável dos senhores do capital. A Terra está infestada de pragas que lutam contra a disseminação do conhecimento, do conhecimento verdadeiramente útil, aquele que nos proporciona a capacidade de tomar decisões melhores, mais acertadas e mais sadias sobre as nossas próprias existências. Seguimos sendo divididos por sexos, por cores de peles, por religiões, por nacionalidades, por convicções políticas; fomos a tal ponto segregados que não conseguimos olhar para o lado e encontrar um semelhante - antes, vemos no outro, com maior importância, aquilo que mais detestamos em seu ideário, comportamento e caráter.

Seguimos insultados por alcunhas como "consumidor" (aquele cuja função social é

degradar a natureza através da execução do consumo) ou "contribuinte" (eufemismo maldito que designa aquele que é obrigado a pagar impostos). Talvez o pior apelido de todos seja "eleitor" - aquele que tem a tarefa de escolher, num jogo de cartas marcadas que nada decide. Como disse um velho sábio, "se a eleição mudasse alguma coisa, seria proibida".

Como podemos viver assim?

Sigo saudoso de uma realidade que nunca existiu, mas que avistei ao longe, e persigo como quem busca o horizonte. Contudo, os ventos são imprevisíveis - quem sabe quando poderemos de fato esperar uma realidade mais acolhedora? Isso pode estar ao nosso alcance. Não depende só de nós. Mas também de nós.

```
create view v_tecnologia_sustentabilidade as (
select
      p.nome as nome_país,
      pop.nome,
      count (t.id_tecnologia) as quant_techs,
      current date,
      current time,
      'GDER:OUCI' as data_criação,
      '1.0' as versão
```

```
from
      países p
      inner join populações pop
            on p.id_país = pop.id_país
      inner join corporações c
            on p.id_país = c.id_país
      full outer join tecnologias t
            on (c.id_corporação =
                                  t.id_corporação
            and p.id_país = t.id_país)
where
      t.sustentabilidade = true
      and pop.direitos > c.ganância
group by
      p.nome,
      pop.nome
having
      sum(c.árvores_desmatadas) = 0
order by
      quant_techs desc
      nome nulls last
      nome_país nulls first
limit
      (select
            população_mundial
      from
            terra
      )
) --{@
```

Soneto número 42

Navegando em mares paraguaios
Intrépido e corajoso benfeitor
Nosso amigo criador de papagaios
Devolve ao mundo a luz e esplendor

Viajando sem sair do lugar
Ele entra na água sem se molhar
Cruzando as sete redes
Cercado por quatro paredes

Legiões anônimas voluntariamente
Desamarram o livre conhecimento
Com cebolas e criptografia

Lançam ao mundo a semente
Para que possa a qualquer momento
Germinar uma nova democracia

A revolta do vinagre

Uma história ficou contada pela metade
Rádio e tevê, narrativas em disputa
Ruas ocupadas em cada cidade
Choque de ideologias, vozes e escuta

Decidia-se o destino de um povo
O Gigante acordou em convulsões
Cabeça vazia, oficina do Olavo
A política ganhou especialistas aos milhões

O estopim foram vinte centavos
Por todos os lados, palavras e ação
Batalhas épicas, vidros quebrados
Gás lacrimogêneo, radares no chão

A todos os lados, vitórias e derrotas
Saímos dali maiores que entramos
Apesar da ascensão de vermes idiotas
Fizemos valer o chão que pisamos.

Atos dos Apóstatas

Esvaziaram o templo,
encheram o sacerdote de perguntas
óbvias, claras, simples e irrespondíveis

Eles não rezam antes de comer
(Que ousadia!)
Eles não levam os filhos para o batismo
(Que ousadia!)
Eles não guardam o dia de Sábado
(Que ousadia!)
Eles não jejuam no Ramadã
(Que ousadia!)
Eles não imolam seus filhos a Huitzilopochtli
Eles não imolam seus filhos a Tezcatlipoca
(Que ousadia!)

Aprenderam a pensar por si próprios
(Que ousadia!)
Renegaram a fé dos antepassados
(Que ousadia!)

Mesmo com tudo isso, nenhum deus reclama.
Nem um pio.

Dobrando a meta

Não conhecíamos a meta
Mas alcançamos a meta
e dobramos a meta
Hoje já não usamos,
nem queremos, nem precisamos,
de redes ou serviços da meta.

Amadurecer

A D. Marcus Pedroza.

Um dia eu mudei o meu olhar
Descortinei um horizonte distante
Uma noite vi meu sonho mudar
encontrei a direção do meu caminho
Um mês e me pus a viajar
Cheguei ao longe e sempre tão sozinho

Um ano e pude apreender
a dor e esperança circundantes
ouvir a voz dos mais experientes
confrontar a estupidez reinante
Segue a vida e vejo o mundo mudar
Tempestade de versos rodopia delirante
Apelos e música e o som do mar
Cabelos ao vento, sigo em frente
Pois há um horizonte a alcançar

Sobre o autor

Ẹgrium Tạdrel é glossopoeta, ateu, micronacionalista e profissional de tecnologia da informação. Nascido em agosto de 1985 em Maria da Graça, bairro do Rio de Janeiro, sempre manifestou seu gosto pela leitura e pela escrita. Alguma vez quis escrever, e tendo feito amizade com o poeta Adiron Marcos, embarcou na aventura literária, guiado pelo amigo. Tạdrel é o criador da Cultura Aüneana, que inclui idioma, escrita, calendários e muito mais. Esta é sua segunda obra autopublicada, tendo lançado “O Livro de Sóis e Tempestades” em GCCH (junho de 2022).

Entre em contato: egrium@tadrel.com.br.

DIGA NÃO AO FASCISMO!

O Desescritório

Nosso link agregado, o Desescritório, contém links para nossos blogs, para venda de livros físicos e para download dos e-books que tiverem sido publicados de forma independente, geralmente em Creative Commons. No momento, há links meus (Tạdrel), de meu amigo e poeta Adiron Marcos, e do Perce Polegatto, meu amigo e escritor de Ribeirão Preto/SP.

Visite: https://linktr.ee/desescritorio

Blog

Mantenho um blog no wordpress, espaço na Internet que não está sob os algoritmos de recomendação das grandes redes sociais, onde costumo postar sobre poesia, tecnologia, política, e algumas notícias.

Aqui o link direto para o blog:

https://soisetempestades.wordpress.com

Obrigado por ler. A saída é pela esquerda.

Este livro foi composto pelo autor com tipologia DejaVu Serif, DejaVu Sans e DejaVu Sans Mono.

Atenção! Leia a bula!

Solitude não contém apelos emocionais desgastantes, nem missionários prolixos e chatos, advogando por qualquer religião ou partido, nem tenta subverter o conhecimento com mensagens pseudocientíficas. Solitude não faz apelos políticos de qualidade questionável e impacto deplorável. Este livro não hackeia a sua vida. Não contém panaceias. Este livro não te convida a gastar dinheiro à toa. Não contém anúncios de seguro de vida. Não contém fadas, duendes, deuses, sacis, motos-contínuos nem motores a água. A tinta usada no livro não desaparece após cinco anos. A leitura não será interrompida pelo intervalo comercial. Solitude não ensina a ganhar dinheiro fácil sem trabalhar, mas você não vai ter que trabalhar a mais por ler este livro. Pode abrir sem medo. Todos e todas são bem-vindos e bem-vindas. Solitude contém poesia. O desescritório está aberto e agradece a sua visita.

ISBN: 978-6-50108-160-1
9 786501 081601